



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 03 | N°. 06 | Ano 2022

Fernando Gelado Benzane

RELAÇÃO ENTRE HOMEM, CULTURA (EDUCAÇÃO) E SOCIEDADE: UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA

**RELATION BETWEEN MAN, CULTURE (EDUCATION)
AND SOCIETY: REFLECTION
PHILOSOPHICAL**

RESUMO: O tema do presente artigo versa sobre a relação entre homem, cultura (educação) e sociedade, sob o escopo de uma reflexão filosófica. A partir deste cenário, o estudo tem como objetivo refletir sobre a relação existente entre homem, cultura (educação) e sociedade. A abordagem metodológica desta pesquisa é qualitativa e caracteriza-se como uma revisão de literatura a partir de livros e artigos científicos. O referencial teórico da pesquisa ampara-se em autores diversos, a exemplo de Kant. Os resultados da pesquisa sinalizam que existe uma inter-relação dos conceitos referidos, entendendo-os como uma base teórica que demonstra a inexistência da cultura sem o ser humano, e que este é próprio e exclusivo em sua Cultura, sendo esta a guardiã de qualquer tipo de Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Homem; Educação; Cultura; Sociedade

ABSTRACT: The theme of this article is the relationship between man, culture (education) and society, under the scope of a philosophical reflection. Against this backdrop, the study aims to reflect on the relationship between man, culture (education) and society. The methodological approach of this research is qualitative and is characterised as a literature review based on books and scientific articles. The research's theoretical framework is based on various authors, such as Kant. The results of the research indicate that there is an interrelationship between these concepts, understanding them as a theoretical basis that demonstrates that culture does not exist without human beings, and that human beings are unique and exclusive in their culture, which is the guardian of any type of education.

KEY WORDS: Man; Education; Culture; Society

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

RELAÇÃO ENTRE HOMEM, CULTURA (EDUCAÇÃO) E SOCIEDADE: UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA

FERNANDO GELADO BENZANE ¹

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os resultados de uma reflexão sobre a relação entre Homem, Cultura (educação) e Sociedade. Constitui objetivo da reflexão compreender as diversas abordagens de autores clássicos e contemporâneos sobre a relação existente entre Homem, Cultura (educação) e Sociedade. Para o efeito, procurou-se identificar os elementos que dão substância a tal relação de acordo com a conceitualização das entidades em causa feita pelos autores, e estabelecendo-se ligações intertextuais, ainda que implícitas, com os conhecimentos gerais e comuns sobre a matéria. A conceituação feita pelos autores, a partir da análise das várias formas e concepções sobre a forma mais adequada de compreender o ser homem na esfera individual (biológica) e social (cultura) conduz à adoção de modelos de educação. Coube nesta reflexão, igualmente, uma análise em torno da educabilidade ou não do Homem, recaindo sobre a Educação a tarefa de transmutar o ser, inculcando no mesmo, valores socioculturais através da formação e socialização, compreendendo para esta última, o cuidado, a disciplina e a instrução. Entretanto, são questões orientadoras da reflexão, qual é a relação intrínseca entre o homem e a educação? Será que a educação é necessária para o homem? O homem não poderia sê-lo sem educação?

Sumariamente, pode-se concluir que a relação Homem, Cultura, Educação e Sociedade decorre e inscreve-se na insuficiência argumental da explicação isolada do conceito de Homem como um ser endógeno a si, como um ser social e da humanidade como um conceito que se resvala na dispersão e diversidade de fatos. Partindo destes pressupostos, é evocada a manifestação do Homem enquanto um ser em que coexistem modos, formas, ações e reações contrárias (contrários), todavia, buscando a harmonia na contrariedade.

¹ Diretor do Departamento de Educação no município da Matola, Maputo, Moçambique. Doutorando em Educação, Mestre em Administração e Gestão da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique.

Docente da Universidade Aberta ISCED – UnISCED e do Instituto Superior de Gestão e Negócios. Maputo, Moçambique. fgbenzane@gmail.com

1. Homem e Sociedade

Para melhor compreensão dos termos “homem” e “sociedade”, Japiassú e Marcondes (2001) referem que a palavra “homem” deriva do *latim homo, hominis* e constroem um leque de interrogações que se estendem nas seguintes: O que é o Homem? Será um objeto real ou apenas uma ideia? Ou uma certa variedade animal, que os antropólogos chamam de *Homo sapiens*?

1.1. Homem

Hoje em dia, quando se fala da "morte do Homem", por exemplo, trata-se da ideia ocidental de homem, criada pelo cristianismo e pela Antiguidade greco-latina. A Bíblia afirma a posição dominante do Homem sobre a natureza (Adão e Noé), e conta a Aliança que o Deus único e criador estabeleceu com uma parte dos descendentes de Adão. Além disso, afirma que o próprio Deus se fez Homem para salva-los (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001). Outrossim, atualmente coloca-se na dúvida questionando se os métodos usados e ou empregues até então, teriam sido suficientes e exaustivos, ou existirá outro caminho aberto para além da introspeção psicológica, da observação e da experiência biológica sobre o conceito de Homem (CASSIRER, 2012). Esta perspectiva coloca-nos desafios para a compreensão do conceito “Homem”. Assim, podemos nos questionar: será que o homem nasce humano? As características humanas estão presentes desde o nascimento? O que é ser humano? Como ocorre o processo de tornar-se humano? O que diferencia os humanos dos outros animais?

O fato é que cada indivíduo, ao nascer encontra-se num sistema social criado através de gerações já existentes e que é assimilado por meio de inter-relações sociais. O homem, desde seus primórdios, é considerado um ser de relações sociais, que incorpora normas, valores vigentes na família, em seus pares e na sociedade. Assim, a formação da personalidade do ser humano é decorrente de um processo de socialização, no qual intervêm fatores inatos² e adquiridos (STREY, 2002). Refere ainda Strey (2002) que o homem é um animal que depende de interação para receber afeto, cuidados e até mesmo para se manter vivo. Somos animais sociais, pois o fato de ouvir, tocar, sentir e ver o outro fazem parte da nossa natureza social. O ser humano precisa se relacionar com os outros por diversos motivos: por necessidade de se comunicar, de aprender, de ensinar, de dizer que ama o seu próximo, de exigir melhores

²Entende-se por fatores inatos, aquilo que herdamos geneticamente dos nossos familiares, e os fatores adquiridos provém da natureza social e cultural.

condições de vida, bem como de melhorar o seu ambiente externo, de expressar seus desejos e vontades.

Entretanto, ainda na senda das questões colocadas logo no início do debate, convém compreender a visão de autores clássicos nomeadamente: Karl Marx, Platão e Aristóteles, todos citados por Cassirer (2012). Marx conceitua o ser humano como o resultado do entrelaçamento do aspecto individual, no sentido biológico, e social, no sentido cultural, ou seja, ao se apropriar da cultura e de tudo o que a espécie humana desenvolveu e está fixado nas formas de expressão cultural da sociedade, o homem se torna humano. Platão diz que a vida dos sentidos está separada da vida do intelecto por uma brecha ampla e insuperável. O conhecimento e a verdade pertencem a uma ordem transcendental ao reino das ideias puras e eternas.

Por sua vez, Aristóteles, defende que todo o conhecimento humano tem origem em uma tendência básica da natureza humana, que se manifesta nas ações e reações mais elementares do homem. A percepção dos sentidos, a memória, a experiência, a imaginação e a razão estão todas ligadas por um vínculo comum; são apenas estágios e expressões diferentes de uma única e mesma atividade fundamental, que atinge a sua mais alta perfeição no homem, mas que também, de certo modo, é compartilhada por todos os animais e formas de vida orgânica.

Refere ainda Aristóteles, que para todas as suas necessidades imediatas e interesses práticos, o homem depende de seu ambiente físico. Não pode viver sem uma constante adaptação às condições do mundo que o rodeia. Os primeiros passos na direção da vida intelectual e cultural do homem podem ser descritos como atos que implicam uma espécie de ajuste mental ao ambiente imediato (CASSIRER, 2012). Aqui encontramos em parte a relação do homem e a sociedade. Os grandes pensadores religiosos foram os primeiros a afirmar essa exigência moral. Daí a máxima “conhece-te a ti mesmo” que é vista como um imperativo categórico, como uma lei religiosa e moral suprema.

Pode-se corroborar com Cassirer (2012), que conceitua o homem como criatura que está em constante busca de si mesmo, que em todos os momentos de sua existência deve examinar e escrutinar as condições de sua existência. Esse escrutínio, essa atitude crítica para com a vida humana, constitui o seu real valor. Acrescenta citando Sócrates, referindo se de que “uma vida que não é examinada, não vale ser vivida”. Pois o homem é como um ser que quando lhe fazem uma pergunta racional, pode dar uma resposta racional. Tanto o seu conhecimento como a sua moralidade está compreendido nesse círculo. E por essa faculdade fundamental, por essa faculdade de dar uma resposta a si mesmo e aos outros, que o homem se torna um ser “pensável” um sujeito moral.

1.2. Sociedade

Compreender a reflexão sobre o que é a sociedade, ou seja, o processo de sua constituição, reprodução e transformação, requer uma clara explicitação do seu conceito. Todavia, a noção de sociedade tornou-se crescentemente problemática nos dias atuais no contexto do debate público, ou seja, falar da sociedade também se trata de um conceito complexo (PEREIRA, 1991).

Deixando de lado significados que a identificam, ora com a totalidade dos seres humanos num determinado território, ora com o oposto de indivíduos ou de comunidade, tendo esta uma conotação mais positiva, porque menos ampla, privilegiaremos o conceito de sociedade na sua relação com o indivíduo e outras instituições. Como refere Japiassú e Marcondes (2001), a sociedade não é um mero conjunto de indivíduos vivendo juntos, em um determinado lugar, mas define-se essencialmente pela existência de uma organização, de instituições e leis que regem a vida desses indivíduos e suas relações mútuas. Algumas teorias distinguem a sociedade, que se define pela existência de um contrato social entre os indivíduos que dela fazem parte, e a comunidade que possui um caráter mais natural e espontâneo.

O ponto dessa opção é que ela não endossa ou aceita o pensamento que defende a separação entre o indivíduo e a sociedade, como se esta fosse o somatório de pessoas particulares ou uma entidade supra individual. Não endossa porque parte do princípio de que a sociedade é muito mais do que a soma de indivíduos e de que qualquer atividade humana, mesmo de caráter individual, é social (PEREIRA, 1991).

Outrossim, a sociedade pode ser visualizada como o conjunto de indivíduos que partilham uma cultura com as suas maneiras de estar na vida e os seus fins, e que interagem entre si para formar uma comunidade. Embora as sociedades mais desenvolvidas sejam as humanas (estudadas pelas ciências sociais como a sociologia e a antropologia), também existem as sociedades animais (estudadas pela sociobiologia ou a etologia social). Pelo que pode se depreender que a sociedade existe desde o próprio aparecimento do Homem, apesar de a sua forma de organização ter sofrido alterações ao longo da história.

2. Educação e Cultura

2.1. Educação

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para

aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO,1989). Em relação às origens, o substantivo “educação” provém de dois vocábulos latinos, quais sejam, os verbos “*educare*” e “*educre educere*”, respectivamente. O verbo “*educare*” guarda o entendimento da educação como cuidado, como alimentação e, por sua vez, a partir do verbo, a expressão “educação; está assentada na ideia de extrair, “conduzir para fora, fazer sair, tirar de”. Assim, a educação envolve esses dois aspectos: o cuidar, fazer aflorar e conduzir (GONÇALVES, 2010).

O significado do termo “educação”, no entanto, é ambíguo, em mundos diversos a educação existe de formas diferenciadas: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais sem classes, de classes, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes; em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas. Ademais, existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos (BRANDÃO, 1989).

Um dos fatores para essa ambiguidade, segundo Gonçalves (2010), reside na associação de muitos sinônimos à expressão educação. Conforme o autor, às vezes, por “educação” entendeu-se e continua a se entender “ora como aprendizagem, ora como formação e como instrução”. Estas expressões são temas correlativos à educação, não abarcando a totalidade do seu significado. Além do uso de temas correlativos à educação, também têm sido tomados os seus diversos âmbitos, quais sejam, “a educação moral, a cívica, a ambiental e a cognitiva”, como significado do conceito de educação. Em um pensamento, similar à de Gonçalves (2010):

Reboul, também refere que: ...raramente se emprega a palavra educação sem lhe limitar imediatamente o sentido. Ao usá-la, pensa-se na escola e, no entanto, a educação faz-se, inicialmente, na família, sem falar desse “meio termo” que é constituído pela rua, o desporto, os movimentos de juventude, os media, dentre outros. Pensa-se no ensino como se a educação não fosse tanto física, estética, moral afectiva, como técnica e intelectual. Pensa-se na criança, mas não estão os adultos, também eles a educar-se sem cessar, mesmo que não seja senão pela experiência da vida: como dizia Platão, “são necessários cinquenta anos para fazer um homem” (REBOUL,1971, p. 11).

Para o autor, é necessário utilizar o termo “educação” no sentido amplo e ou total. Mutilá-lo é mutilar o homem. Diante da ambiguidade semântica, Iori (2003) define a educação como um fenômeno complexo e relacional, no qual dois ou mais sujeitos interagem, o educador e o educando. Nessa interação, a educação afeta tanto o educando quanto o educador, embora o educador tenha maiores responsabilidades sobre o educando. Ao educar, o educador também se educa. Assim, os efeitos da educação se manifestam tanto no educador quanto no educando. Não existe uma absoluta assimetria. Contudo, a educação também é abrangente, envolve a totalidade do ser humano, este que é o único sujeito da educação. Por isso, a educação não pode ser reduzida a uma única dimensão: instrução, ensino e aprendizagem, embora estes termos façam parte da educação. No sentido de conduzir e fazer aflorar, a educação tem de ser entendida como processo de formação e socialização do indivíduo, no qual são realizadas várias ações para o alcance dessa finalidade (GONÇALVES, 2010), argumenta que;

Ao se conduzir o processo de formação e de socialização dos indivíduos, a educação usa um conjunto de meios e de ações que visam o pleno desenvolvimento do ser humano, nas suas dimensões física, intelectual e ética. É um processo de condução que, tendo seu início quando do nascimento, prolonga-se por toda a vida, em que pesem as críticas da relação educação e infância efectuadas pelos defensores da irredutibilidade da infância (Gonçalves, 2010, p.11).

Assim, a educação é a ação consciente que permite a um ser humano desenvolver as suas aptidões físicas e intelectuais, bem como os seus sentimentos sociais, estéticos e morais, com o objetivo de cumprir, tanto quanto possível, a sua missão como homem; e também o resultado desta ação. A educação é, pois, uma ação. Enquanto tal, consciente, ou pelo menos dela podemos tomar consciência; é voluntária, ou pelo menos podemos percebê-la e assumi-la como tal. Sem dúvida existe uma educação espontânea que se exerce sobre o educando, sem que este disso se aperceba e até mesmo sem conhecimento do educador (REBOUL, 1971).

A educação, como processo geral, não se restringe e nem começa na escola. Antecede a educação escolar e continua além de seus limites. A educação, tomada em um sentido amplo, cumpre a função de socialização e de humanização do homem, expressa na construção de artefatos materiais e culturais imprescindíveis para a sobrevivência da espécie e dos grupos, artefatos esses que podemos denominar de produtos sociais, notadamente quando passam por um processo de aquisição por parte das gerações futuras (IORI, 2003). Quando as sociedades humanas passam por um acelerado processo de desenvolvimento e de complexidade em sua estrutura, proporcionando a diversificação das funções, ações, relações e tarefas sociais, surgem diferentes espaços e formas de especialização da educação que vão se constituindo ao longo da

história, até se chegar ao desenvolvimento de instituições específicas com a finalidade de preparar novas gerações para a participação no trabalho e na vida, que são as escolas.

2.3.2. Cultura

Definir o que é cultura não é uma tarefa simples. A cultura evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como Sociologia, Antropologia, História, Comunicação, Administração, Economia, Filosofia e Educação, dentre outras. Em cada uma dessas áreas, é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal realidade concerne ao próprio caráter transversal da cultura, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana. Além disso, a palavra “cultura” também tem sido utilizada em diferentes campos semânticos, em substituição a outros termos como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia” (CANEDO, 2019). “Comumente, ouvimos falar em “cultura política”, “cultura empresarial”, “cultura agrícola”, “cultura de células”. Ao que se conclui que, ao nos referirmos ao termo, cabe ponderar que existem distintos conceitos de cultura, no plural, em voga na contemporaneidade (CANEDO, 2019, p. 1).

Para o autor, parte desta complexa distinção semântica se deve ao próprio desenvolvimento histórico do termo. A palavra “cultura” vem da raiz semântica *colore*, que originou o termo em *latim* “*cultura*”, de significados diversos como habitar, cultivar, proteger, honrar. O termo era geralmente utilizado para se referir a uma ação e a processos, no sentido de ter “cuidado com algo”, como veremos mais adiante. Atualmente, as questões culturais têm recebido grande atenção nas mais diferentes esferas, acadêmicas, políticas, cotidiana e mesmo econômica, crescendo, assim, a importância da cultura para refletir sobre o mundo contemporâneo. No campo educacional não foi diferente, a cultura é um constructo central para a compreensão das relações complexas entre a escolarização e a sociedade dominante (GODOY; SANTOS, 2014).

Para os autores, a centralidade da cultura não significa que ela é uma dimensão epistemologicamente superior às demais, de caráter social, tais como a política, a econômica, ou a educacional, mas que atravessa toda e qualquer prática social. Essa centralidade indica a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo. Assim, segundo Cuche (1996) a invenção da noção de cultura é em si mesma reveladora de um aspecto fundamental, no seio da qual pode ser feita a invenção de cultura ocidental. Inversamente, é significativo que a palavra “cultura” não tenha equivalente na maior parte das línguas orais das sociedades que os etnólogos estudam habitualmente. Este fato não significa que estas sociedades não tenham cultura, mas que elas não

se colocam a questão de saber se tem ou não uma cultura, e ainda menos definir sua própria cultura.

Ademais, Cuche (1996) refere que o século XVIII pode ser considerado como o período de formação do sentido moderno da palavra, posto que em 1700 a palavra “cultura”, vinda do *latim*, significava o cuidado dispensado ao campo ou ao gado. No começo do século XVI ela não significava mais um estado, mas sim, uma ação. E somente no meio do século XVI se forma o sentido figurado, e “cultura” pode designar então a cultura de uma faculdade, isto é, o fato de trabalhar para desenvolvê-la. Até o século XVIII a evolução do conteúdo semântico da palavra derivava do movimento natural da língua, e não ao movimento das ideias, que procede, por um lado pela metonímia (da cultura como estado, a cultura como ação), por outro lado pela metáfora (da cultura da terra, a cultura do espírito).

No sentido figurado, refere Cuche que o termo “cultura” começa a se impor no século XVIII³, fazendo sua entrada no Dicionário da Academia Francesa, e é então quase sempre seguido de um complemento, por exemplo; cultura das artes, culturas das letras, cultura das ciências, como se fosse preciso que a coisa cultivada estivesse explicitada. Progressivamente, “cultura” se liberta de seus complementos e acaba por ser empregada só, para designar a formação, a educação do espírito. Em movimento inverso ao observado anteriormente, passa se de cultura como ação (ação de instruir), a cultura como estado (estado do espírito cultivado pela instrução, estado de indivíduo que tem cultura).

Entretanto, o Dicionário da Academia, da edição 1798, citado pelo Cuche (1996), refere que este uso é consagrado, que estigmatiza um espírito natural e sem cultura, sublinhando com esta expressão a oposição conceitual entre a natureza e a cultura. A cultura é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade ao longo de sua história. A ideia alemã de cultura evoluiu, então, pouco no século XIX, sob a influência do nacionalismo. A cultura vem da alma, do gênio de um povo. A nação cultural precede e chama a nação política. A cultura aparece como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade.

Na França, a evolução da palavra no século XIX é um pouco diferente. “Cultura” se enriqueceu com uma dimensão coletiva, e não se referia mais somente ao desenvolvimento intelectual do indivíduo. Passou a designar também um conjunto de caracteres próprios de uma

³ Neste século pode se depreender que a cultura é sempre empregada no singular, o que reflete o universalismo e humanismo dos filósofos: a cultura é própria do Homem. Além de toda distinção de povos ou classes, inscreve-se então plenamente na ideologia do iluminismo, onde é associada às ideias de progresso, de evolução, de educação e de razão que vigoravam no pensamento da época. A ideia de cultura participa do otimismo do momento, baseado na confiança no futuro perfeito do ser humano (CUCHE, 1996).

comunidade, mas em sentido geralmente vasto e impreciso. Portanto, pode se depreender que o debate franco-alemão, do século XVIII ao século XX, e arquetípico das duas concepções de cultura, uma particularista, a outra universalista, estão na base das duas maneiras de definir o conceito de cultura nas ciências sociais contemporâneas.

Tylor, ao elaborar o seu método de estudos da evolução da cultura pelo exame de sobrevivências culturais, chegou à conclusão de que a cultura dos povos primitivos contemporâneos representava globalmente a cultura original da humanidade: ela era uma sobrevivência das primeiras fases da evolução cultural, fases pelas quais a cultura dos povos civilizados teria passado necessariamente. A diferença fundamental entre os grupos humanos é de ordem cultural e não racial. Cada cultura representava uma totalidade singular, e todo seu esforço consistia em pesquisar o que fazia sua unidade. Daí sua preocupação de não somente descrever os fatos culturais, mas de compreendê-los juntando-os a um conjunto ao qual eles estavam ligados. Um costume particular só pode ser explicado se relacionado ao seu contexto cultural (CUCHE, 1999).

Esta perspectiva evidencia que “Cada cultura é dotada de um estilo particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos” (CUCHE, 1999, p. 45). Um aspecto que poderia talvez ser um princípio ético que afirma a dignidade de cada cultura, e exalta o respeito, é a tolerância em relação às culturas diferentes. Na medida em que cada cultura exprime um modo único de ser homem, ela tem o direito a estima e a proteção, se estiver ameaçada.

3. Relação Homem e Educação

Segundo Kant (1996), o Homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Portanto, o homem é infante educando e discípulo. Refere o autor que os animais, logo que começam a sentir alguma, usam as próprias forças com regularidade, isto é, de tal maneira que não se prejudicam os mesmos. É de fato maravilhoso ver, por exemplo, como os filhotes de andorinhas, apenas saídos do ovo e ainda cegos, sabem dispor-se de modo que seus excrementos caiam fora do ninho. Os animais, portanto, não precisam ser cuidados, no máximo precisam ser alimentados, aquecidos, guiados e protegidos de algum modo. A maior parte dos animais requer nutrição, mas não necessitam de cuidados. Por cuidados entendem-se as precauções que os pais tomam para impedir que as crianças façam uso nocivo de suas forças. Se, por exemplo, um animal, ao vir ao mundo, gritesse, como fazem os bebês, tornar-se-ia presa certa dos lobos e de outros animais selvagens atraídos pelos seus gritos (KANT, 1996).

A disciplina transforma a animalidade em humanidade. Um animal, e por seu instinto tudo aquilo que pode ser; uma razão exterior a ele tomou por ela antecipadamente todos os cuidados necessários. Mas, o homem tem necessidade de sua própria razão. Não tem instinto, e precisa formar por si mesmo o projeto de sua conduta. Entretanto, porque ele não tem a capacidade imediata de o realizar, mas vem ao mundo em estado bruto, outros devem fazê-lo por ele. A espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais que pertencem a humanidade. Uma geração educa a outra (KANT, 1996). Portanto, a disciplina é o que impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais. Ela deve, por exemplo, contê-lo, de modo que não se lance ao perigo como um animal feroz, ou como um estúpido. Mas, a disciplina é puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se tira do homem a sua selvageria; a instrução, pelo contrário, é a parte positiva da educação.

O homem tem necessidade de cuidados e de formação. A formação compreende a disciplina e a instrução. Pelo que o homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. Por um lado, a educação ensina alguma coisa aos homens e, por outro lado, não faz mais que desenvolver nele certas qualidades, não se pode saber até onde nos levariam as nossas disposições naturais. Com a educação presente, o homem não atinge plenamente a finalidade da sua existência. Na verdade, quanta diversidade no modo de viver ocorre entre os homens! Entre eles não pode acontecer uma uniformidade (KANT, 1996). A educação necessariamente reproduz a sociedade, sendo determinada pelos aspectos econômicos, sociais e políticos. Sua finalidade, da qual não pode escapar, é a reprodução dessa sociedade em que está inserida. A educação faz-se a partir de uma análise crítica que a considera dentro da sociedade. As atividades educativas estão a serviço do saber, e do saber comportar-se nessa sociedade. E quem determina esses saberes são os setores dominantes, de acordo com as necessidades do modelo de produção (SGTES, 2003).⁴

A educação é uma arte cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. A providência quis que o homem extraísse de si mesmo o bem e, por assim dizer, assim lhe fala: “entra no mundo. Coloquei em ti toda espécie de disposições para o bem. Agora compete somente a ti desenvolvê-las e a tua felicidade ou a tua infelicidade depende de ti” (KANT, 1996). O homem deve, antes de tudo, desenvolver as suas disposições para o bem; a providência não as

⁴ Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Educação, Sociedade e Cultura. Brasília: Editora MS. Disponível em https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/form_ped_modulo_02.pdf acesso em 26.02.2023.

colocou nele prontas; são simples disposições sem marca distintiva da moral. Tornar-se melhor, educar-se e, se é mau, produzir em si a moralidade, eis o dever do homem. A educação, portanto, é o maior e o mais árduo problema que pode ser posto aos homens, de fato os conhecimentos dependem daqueles. Por isso, a educação não poderia dar um passo à frente a não ser pouco a pouco, e somente pode surgir um conceito da arte de educar na medida em que cada geração transmite suas experiências e seus conhecimentos à geração seguinte, a qual lhes acrescenta algo de seu e os transmite para a geração que segue. Deve a educação do indivíduo imitar a cultura que a humanidade em geral recebe das gerações anteriores (KANT, 1996).

Fica evidente que a concepção da relação da educação com a sociedade expressa o entendimento de que a educação exerce o papel de manter a sociedade integrando os indivíduos no todo social. Sua finalidade é promover a “saúde social” pela formação das pessoas. A educação leva em conta uma concepção de sociedade para, de fora dela, aperfeiçoá-la, corrigir seus desvios, construir seus sucessos e progresso, por meio da formação dos indivíduos que a compõem. A teoria e a prática pedagógica, portanto, independem de qualquer análise crítica da educação dentro da sociedade (SGTES, 2003).

Pode se depreender, no entanto, que na educação o homem deve segundo Kant (1999):

- Ser disciplinado, isto é, disciplinar quer dizer procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria.
- Deve o homem tornar-se culto. A cultura é a criação da habilidade, e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejemos. Ela, portanto, não determina por si mesma nenhum fim, mas deixa esse cuidado às circunstâncias.
- A Educação deve também cuidar para que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade, e que seja querido e tenha influência. A esta espécie de cultura pertence a que se chama propriamente civilidade. Esta requer certos modos corteses, gentileza e a prudência de nos servir dos outros homens para os nossos fins.
- Deve por fim, cuidar da moralização. Na verdade, não basta que o homem seja capaz de toda sorte de fins; convém também que ele consiga a disposição de escolher apenas os bons fins. Bons são aqueles fins que são aprovados necessariamente por todos, e que podem ser, ao mesmo tempo, os fins de cada um.

Ademais pode-se depreender ainda, que a prática educativa é inerente ao ser humano. Intencional ou não, toda prática humana educa. É por isso que, como ação, a prática educativa não pode se restringir ao espaço escolar. A família, a religião, a sociedade e, claro, a escola, também é responsável pela educação. A educação é o elo de ligação entre o homem e o seu convívio em sociedade, é a educação que vai transmitir os valores a serem perpetrados de geração em geração, como refere Durkheim citado por Brandão (1989), a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que não se encontram ainda preparadas para a vida

social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina."

4. Relação entre Homem, Cultura (educação) e Sociedade

No início da nossa reflexão levantamos as seguintes questões: qual é a relação intrínseca entre o homem e a educação? Será que a educação é necessária para o homem? O homem não poderia ser homem sem educação? Conteúdo iniciado no ponto anterior. Antes, porém, importa elucidar a visão de Kant (1999), com relação a exclusividade do termo "educação" como atributo do ser humano, e também oferece uma base antropológica que sustenta o conceito de educação como processo de condução da formação e socialização dos indivíduos. A educabilidade diz respeito somente ao ser humano. Os animais podem ser treinados, adestrados, mas nunca educados. Sobre a educação, entanto atributo específico dos humanos, pesa-lhe uma grande responsabilidade: possibilitar ao Homem que se torne Homem. É necessário que o Homem se torne humano.

A necessidade de o Homem tornar-se Homem, em Kant, está fundamentada no caráter imperfeito da natureza humana e, em função dessa imperfeição, ele deposita as esperanças na educação: o vir a ser do Homem depende da educação, pois para Kant, é na educação onde se esconde "o grande segredo da perfeição da natureza humana", ou seja, a educação completa a incompletude do homem desde o seu nascimento, da própria existência, pois, o homem sem educação não é nada, a educação vem completar o homem, o homem não pode ser homem sem educação e por sua vez a sociedade é sociedade através da educação.

Assim, pode-se depreender que falar da educação, na verdade, é falar do Homem e, por extensão, da sociedade. Pelo fato de a educação dizer respeito apenas ao ser humano e este ser o centro daquela, uma boa educação é a fonte de todos os bens nesse mundo" (idem, p. 23). Dada essa singularidade da educação, é também do homem com relação à educação, e esta não pode ser reduzida à apenas uma dimensão: ela, como processo de condução da formação da socialização do indivíduo, envolve os cuidados, a disciplina e a instrução.

Pode-se ainda afirmar que o homem vive na sociedade pela razão a qual lhe é atribuído a categoria de ser social, não existe sociedade sem o homem e o homem sem sociedade, o homem constitui o objeto central da sociedade. O ser humano e as suas relações sociais, a contribuição que ela proporciona, a produção de conhecimento sobre o si em suas interações sociais, possibilitando um melhor entendimento da sociedade em que vivemos. Falar da educação, na verdade, é falar do Homem e, por extensão, da sociedade. Como vimos na discussão sobre

cultura, a noção desta é inerente à reflexão das Ciências Sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade, além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória para a questão da diferença entre os povos, uma vez que a resposta racial está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética das populações humanas (CUCHE, 1996).

A cultura, pois sendo embora um produto humano é simultaneamente humano. O aprender e o pensar estão sempre situados num enquadramento cultural e sempre dependentes da utilização de recursos culturais. O culturalismo, por sua vez, concentra-se exclusivamente no modo como os seres humanos, dentro das comunidades culturais, criam e transformam os significados. A educação é uma complexa procura no sentido de ajustar uma cultura às necessidades dos seus membros, e do ajuste destes e dos seus modos de conhecer às necessidades da cultura (BRUNER, 1996). Sendo a cultura parte do que somos, nela está o que regula nossa convivência e comunicação em sociedade. Ao tratarmos da cultura, deve-se entender os aspectos aprendidos pelo ser humano, em contato social, o que se adquire ao longo de sua convivência.

Assim, Cuche (1996), ao estabelecer a relação entre o homem e cultura, refere que o homem é essencialmente um ser de cultura. O longo processo de humanização, começado há mais ou menos quinze milhões de anos, constitui fundamentalmente na passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural, à uma adaptação cultural. A cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao seu meio, mas também, às suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza. Ademais, a noção de cultura se revela então o instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura. Nada é puramente natural no homem. Mesmo as funções humanas que correspondem às necessidades fisiológicas, como a fome, o sono, o desejo sexual, dentre outras, é informado pela cultura: as sociedades não dão exatamente as mesmas respostas para estas necessidades (CUCHE, 1996).

Enfim, os autores nos convidam a discutir a coabitação dos conceitos, pois estes se interrelacionam. É nesta questão crucial da relação dos conceitos “Homem”, “Cultura” (educação) e “Sociedade” que se estabelece um delineamento para a proposição de uma base teórica em que se pode desvelar que não existe cultura sem homem, o homem é exclusivo em sua cultura, e esta é guardiã de qualquer tipo de educação. Assim, como cada cultura tem a sua educação, por conseguinte, cada sociedade tem a sua educação, podendo haver, todavia, elementos comuns. Outrossim, fica evidente que todo o ser humano nasce indivíduo e torna se pessoa via educação. Pelo que o homem não pode ser homem fora a outro homem. A educação completa a incompletude do homem desde o seu nascimento, da própria existência, a educação

vem completar o homem, ou seja, o homem não pode ser homem sem educação, e por sua vez a sociedade é sociedade através da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19ª. Ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1989.
- BRUNER, Jerome. **Cultura da Educação**. Lisboa: Edições 70, 1996.
- Canedo, Daniele. (2009). **Cultura é o Quê? Reflexões Sobre o Conceito de Cultura e a Atuação dos Poderes Públicos**. V ENECULT, UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Companhia das Letras. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda.
- CASSIER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo. Martins fontes, 2012.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 1ª. Ed. Paris, EDUSC, 1999.
- GONÇALVES, António, Cipriano. **Guia de Estudo de História e Filosofia da Educação**. Maputo: ESA, 2010.
- JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Terceira edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LORI, Vanna. Filosofia da Educação: saber de fronteira e de conexão. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, s/v, n. 37, p. 51 – 82, 2003.
- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: UNIMEP, 1996.
- PEREIRA, Potyara Amazoneida. **Estado, sociedade e esfera pública**. Disponível em <http://cressrn.org.br/files/arquivos/8jWy8e5p39eA46R2v6H9.pdf>.
- REBOUL, Olivier. **O Que é Educar?** Paris: Puf, 1971.

Recebido em: 29/04/2022
Aprovado em: 18/10/2022